tábua de referência cronológica muito detalhada dos factos da vida de Edith Stein ou com ela relacionados; o relatório de E. Husserl sobre a sua dissertação de doutoramento; um índice de nomes e outro de obras mencionadas e de certos temas e lugares.

JORGE COUTINHO

KÜNG, Hans, **Une vérité contestée. Mémoires II (1968-1980)**, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris / Les Éditions Novalis, Montréal, 2010, 731 p., 240 x 150, ISBN 978-2-204-08855-8 (Cerf) / 978-2-89646-166-0 (Novalis).

No presente volume, Hans Küng dá continuidade ao anterior (*Mon combat pour la liberté. Mémoires I*), de que demos notícia nesta revista (cf. *Theologica* 42, 1 (2007) 175-176). O título sugere a fase de tensão com a hierarquia romana e os seus paradigmas de Igreja e de pensamento teológico, que considerou demasiado centralizadores e clericalizados e de que achou por bem distanciar-se, mesmo pagando com o seu afastamento do ensino nas universidades da Igreja. Mas, como confessa também, ganhando a liberdade necessária para uma diferente interpretação dos sinais do tempo e para se consagrar aos grandes problemas que já então o preocupavam: a unidade das Igrejas, a paz entre as religiões e a comunidade das nações. Nisso reconhece a sua diferença em relação ao velho companheiro Joseph Ratzinger, de quem toma, como mote para o seu Prólogo, uma citação onde este reconhece, por seu lado, que as diferenças entre os dois em nada prejudicam a simpatia mútua nem a capacidade de colaboração através delas. Está-se, afinal – ou estava-se –, como ele diz, perante duas maneiras diferentes de

ser católico e também de ser teólogo (cf. pp. 25-27).

Não deixa de ser, por isso, interessante acompanhar as vicissitudes de uma fase da vida em que Hans Küng escreveu algumas das suas obras mais significativas e também mais polémicas – *Infalível? Uma interpretação* (1970), *Ser cristão* (1974) e *Existe Deus?* (1981) –, ao mesmo tempo que percorre largos caminhos do mundo, alargando a sua visão das coisas, enquanto o seu companheiro Ratzinger inicia a sua carreira eclesiástica que acabará por o colocar, mais tarde, na cadeira de Pedro.

Não obstante as duras provações a que foi sujeito por parte da sua Igreja, Küng narra aqui, com dignidade e objectividade, um importante período da sua vida. E não perde a oportunidade para, através de múltiplos pormenores e de uma documentação excepcional e de primeira mão, oferecer ao leitor abundante informação sobre os modos de funcionamento e as práticas de administração do Vaticano.

Na verdade, este livro não é, como explica e como se pode verificar pelo texto, uma biografia intelectual «tout court». Küng faz passar diante dos olhos do leitor o filme da vida do seu tempo em que se imbricam a sua própria vida e pensamento, a vida da Igreja e a da época em referência, a recordação dos seus escritos e da sua recepção, as suas crónicas e as suas viagens. Percorrendo as suas páginas, deparamos com memórias do que considera algumas «provocações romanas» (endurecimento do poder, encíclica sobre o celibato, «credo do povo de Deus»), decreto sobre os casamentos mistos, encíclica *Humanae vitae*). 1968 é lembrado como um «ano crítico»: revolução de Maio de 68, assassinato de Luther King, processo inquisitorial da cúria romana sem acesso aos dados, morte e ressurreição do jornal *Publik*, combate em torno do celibato sacerdotal, etc. Vêm, em

seguida, recordações de Tübingen em tempos conturbados: revolta dos estudantes, incluindo dos de teologia, confusão das faculdades, tentativa de democratização, retirada de Ratzinger para Ratisbona enquanto ele, Küng, decidira permanecer, resistir e ajudar em plena refrega. Um capítulo próprio é dedicado ao tema da infalibilidade, suscitado particularmente pela encíclica *Humanae vitae*. Sobre a interdição da pílula, interroga-se: «um segundo caso 'Galileu'?»; e ainda: «uma ameaça mortal contra a fé católica?» Sobre este tema surge uma primeira confrontação com Ratzinger.

O quinto capítulo recorda as suas viagens pelo mundo e o conseqüente alargamento do seu horizonte espiritual: contactos com a Rússia e Igreja ortodoxa, o islão e o budismo, as religiões tribais; e, de novo, agora melhor preparado, o regresso ao mundo «cristão». O capítulo sexto – Combate pela verdade ou luta pelo poder – dá-nos conta das reflexões de Küng em torno do exercício do poder na Igreja, que ele vê facilmente disfarçado de combate pela verdade. O seguinte narra os episódios da tentativa romana para a sua «capitulação», por ele recusada. A aventura do livro *Ser cristão* ocupa o capítulo VIII. Küng traz à recordação as suas ideias sobre o verdadeiro Jesus, como aquele que ainda não domesticou a Igreja; aborda a interpretação helenística do mesmo Jesus e a sua contradição com a judeu-cristã; a sua aposta na revalorização da mulher; o diálogo com o fundador do *Der Spiegel*; compara *Ser cristão* com a *Introdução ao cristianismo* de Ratzinger. Dedicava o capítulo IX a problemas da hierarquia e problemas do mundo. Recordava uma série de grandes figuras com quem esteve em relação: Cardeal Döpfner, os Kennedy, Cardeal Höffner, o dissidente soviético Barabanov, o seu conselheiro jurídico prof. Neumann.

Aborda a questão «os líderes da Igreja contra os doutores?» Faz incursões sobre pensadores como Hegel e Freud e sobre a batalha em torno da linguagem. O ano de 1978 (cap. X) é referido como o ano dos três papas (Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II). Lembra, a propósito, a cobertura do Vaticano a Mons. Marcinkus, a ligação de João Paulo II ao Opus Dei e o seu carácter não dialogante, a teologia da libertação de Gustavo Gutiérrez, o destino da China depois de Mao.

O capítulo XI – O grande confronto – é uma narrativa do confronto, não sem a sua dimensão dramática, entre a autoridade romana e Hans Küng. O teólogo alemão é levado a colocar-se a si mesmo perante interrogações como estas: «quem é católico?», «Em quem me enganei?»; e, na mesma linha, a reafirmar a sua «não capitulação diante da Inquisição». Recordava as suas horas de angústia, mas também a vaga de protestos e de solidariedade. E reencontra-se possuído por um sentimento perturbador: «tenho vergonha de minha Igreja». A luta continua e da sua narração se ocupa o penúltimo capítulo – «Roma locuta – causa non finita» – abrindo a clareira do capítulo final – Perspectiva –, onde Küng nos fala do seu sentimento de vitória apesar da derrota, do recuo romano, da nova liberdade, da missão e da (possível) traição dos intelectuais, da sua opção por ser um «intelectual público» e um «observador empenhado», da sua paixão pela verdade, do seu lema «nem ditadura do relativismo» nem «ditadura do absolutismo».

Um livro muito informativo e uma leitura muito enriquecedora para quem goste de acompanhar a história das ideias e dos debates teológicos, da relação entre teologia e a autoridade romana, enfim, da vida da Igreja em tempos difíceis e em várias linhas, em que os cristãos adultos, sobretudo, são chamados a ter um apurado sentido crítico e uma palavra a dizer aos homens cultos

comuns que assistem, ora interessados ora despidentes, ao difícil relacionamento da Igreja com este mesmo tempo.

JORGE COUTINHO

ADORNATO, Giselda, **Pablo VI. El coraje de la modernidad**, col. «Semblanzas», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2010, 438 p., 210 x 135, cartonado, ISBN 978-84-285-3536-6.

Na sua apresentação, o actual Arcebispo de Milão, Cad. Dionigi Tettamanzi considera Paulo VI um sacerdote, educador e pastor que aceitou com entusiasmo e consciência crítica a confrontação com o pensamento e os testemunhos do seu tempo, levando a cabo reformas fundamentais no corpo da Igreja, para lhe dar formas mais genuínas e eficazes, numa era histórica em que cada campo do saber e da experiência humana apareciam em vertiginosa mudança. Procurou, numa palavra, revelar Cristo aos diversos tipos de homem moderno.

Giselda Adorno, investigadora especialista na figura e magistério de Giovanni-Battista Montini-Paulo VI, com vários estudos publicados, oferece ao leitor, neste livro muito bem documentado, uma biografia autorizada daquele que acabou a sua vida na condição de sucessor de Pedro, com a missão muito particular de dar aplicação imediata às conclusões do Concílio Vaticano II.

Um primeiro capítulo é dedicado às raízes familiares e espirituais, até à consagração na vida sacerdotal. Segue-se um outro, a contemplar a sua actividade como assistente espiritual dos estudantes da Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão e o tempo da sua estadia na Secretaria de Estado do Vaticano. Montini aparece aí particularmente nas facetas da luta contra o fascismo, do diplomata e do seu

trabalho durante a II Guerra Mundial e da sensibilidade ecuménica e civil. O terceiro capítulo é dedicado à experiência episcopal na diocese de Milão. Em relevo, o seu trabalho com os sacerdotes, com os leigos e a Acção Católica e com os trabalhadores. Relevo também para a pastoral da cultura e para os ataques de que foi alvo por parte de alguma imprensa milanesa.

Mais longo é, naturalmente, o capítulo consagrado ao seu pontificado romano (1963-1978). A autora presta especial atenção aos actos e aspectos mais relevantes do mesmo: a conclusão e continuação do Concílio em marcha desde João XXIII, as dificuldades inerentes ao desenvolvimento do mesmo, as suas antecipações, a sua aplicação. No que a esta se refere, põe diante do leitor os primeiros impulsos ecuménicos, a encíclica *Ecclesiam Suam* e a ideia inovadora do diálogo, a reforma litúrgica, a instituição do Sínodo dos bispos, a reforma da Cúria, a crise com os jesuítas, a contestação do Concílio, os problemas com a Igreja holandesa e o conflito com Mons. Lefebvre. A autora aborda as grandes peregrinações de Paulo VI: à Terra Santa, à Índia, à ONU, à Turquia, à América Latina, à África, ao Extremo Oriente. Não há referência à breve viagem que fez a Fátima. Além da encíclica atrás referida, são também apresentados os principais documentos do seu magistério: encíclica *Populorum progressio*, Carta *Octogésima adveniens*, encíclicas *Sacerdotalis Caelibatus*, *Humanae vitae*, *Marialis cultus* e a exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*.

Uma série de anexos contém alguns textos particularmente significativos: testamento, pensamento sobre a morte, carta às Brigadas Vermelhas, etc. E ainda uma cronologia, uma nota bibliográfica (415-428) e um índice onomástico.

JORGE COUTINHO